



Alexandre Mello*

* Voluntário do IIPC desde 1996. Pesquisador e Professor do Pólo de Pesquisas do IIPC, Brasília – DF.

Unitermos

Autoconsciencioterapia
Autodesassédio Mentalsomático
Autopesquisa
Experimentologia
Paratecnologia
Percuciência

Keywords

Experimentology
Mentalsomatic Self-deintrusion
Paratechnology
Perspicacity
Self-conscientiotherapy
Self-research

Palabras-Clave

Autoconsciencioterapia
Autodesasedio Mentalsomático
Auto-investigación
Experimentología
Paratecnología
Percuciencia

Lexicoterapia: Autodesassédio Mentalsomático

Lexicotherapy: Mentalsomatic Self-deintrusion
Lexicoterapia: Autodesasedio Mentalsomático

Resumo:

O presente artigo relata vivências do autor durante 21 dias de imersão de autopesquisa no Holociclo, setor do Centro de Alto Estudos da Conscienciologia – CEAEC, em agosto de 2002, cujo *saldo mentalsomático* foi uma proposta de técnica terapêutica de autodesassédio e autoconhecimento, a partir da compreensão profunda e da superação do megatrafar pessoal, sob a inspiração ativa dos amparadores.

Abstract:

The present article reports the author's experiences during 21 days of self-research immersion at the Holocyclo, a section of the Center for Higher Studies of Conscienciology – CEAEC, in August of 2002, of which the *mentalsomatic balance* was a proposal of self-deintrusion and self-knowledge therapeutic technique, starting from the deep understanding and surpassing of the personal mega weak trait, under the helpers' active inspiration.

Resumen:

El presente artículo relata las experiencias del autor durante 21 días de inmersión de auto-investigación en el Holociclo, un sector del Centro de Altos Estudios de la Conscienciología – CEAEC, en agosto de 2002, cuyo *saldo mentalsomático* fue una propuesta de técnica terapéutica de autodesasedio y autoconocimiento, a partir de la comprensión profunda y de la superación del megatrafar personal, bajo la inspiración activa de los amparadores.

INTRODUÇÃO

Estive pela primeira vez no CEAEC em 1996, ano em que conheci a proposta teática da Conscienciologia. Na época, havia poucos pavilhões construídos. O projeto arquitetônico estava pronto, porém não havia laboratórios ainda. No retorno ao *campus*, em 2002, um dos objetivos primordiais que tracei era justamente vivenciar os laboratórios de autopesquisa.

Devido a várias crises existenciais vividas ao longo deste ano de 2002, a imersão no CEAEC em agosto assumira uma condição de *balanço existencial*, um *pit stop* na jornada evolutiva. Buscava ter visão mais clara das próximas etapas da programação de vida. A proposta era valorizar cada momento – as percepções, as sincronicidades, os encontros e as idéias.

Assim, dei início à imersão nos laboratórios, trabalhando paralelamente no Holociclo – o laboratório-mor – na tarefa de fichamento do material de pesquisa da *Enciclopédia da Conscienciologia*. Na medida em que trabalhava e vivenciava os laboratórios, vinham-me idéias associadas. Que relação o trabalho do *campus* tinha comigo? E outros trabalhos? Quais outras frentes me interessavam? Alguma tarefa específica me incomodava? Por quê? Que relação possuía com os assuntos que chegavam ao meu conhecimento?

Procurava manter-me atuante, mas sem ansiedade ou precipitação. Queria, intimamente, mais autoconhecimento, questionando-me em vários momentos.

EXPERIMENTOS COM FICHAMENTO DE JORNAIS E REVISTAS

Para o trabalho de fichamento de jornais e revistas, de natureza técnica, observei que havia manual e procedimento. Segui com a auto-experimentação e logo surgiram dúvidas em relação à tarefa e, com elas, a autopesquisa.

O primeiro *insight* foi perceber, enquanto traço pessoal de personalidade, a necessidade inegável de lidar com informações claras, objetivas e bem definidas, constatando que o manual das técnicas de fichamento precisaria de revisão quanto a pontos, a meu ver, ambíguos.

Durante uma semana, fazendo os fichamentos e interagindo com o grupo de trabalho, fui percebendo a existência de divergências inclusive dentro da própria equipe de revisores e concluí que a concretude buscada por mim não era possível, no momento. Informaram-me que haveria um curso para revisores, o qual objetivava clarear e padronizar os critérios, marcado para o mês seguinte.

Reflexões:

Por um lado, relaxei por saber que havia pressentido corretamente um desnivelamento quanto às técnicas de fichamento e, por outro, senti certo mal-estar, porque a falta de padronização dos critérios parecia me incomodar mais do que aos colegas.

Era o *trabalho voluntário proporcionando expansões e auto-reflexões*. E comecei a pensar nesse fato. Acabara de autodiagnosticar uma tendência a um pensamento exigente e criterioso, porém formal e rígido. Até certo ponto, fiquei pouco à vontade em um ambiente de trabalho mentalsomático, fato contrário ao esperado.

Lembrei-me da Matemática e da Informática, minhas áreas de formação acadêmica e, inevitavelmente, refleti sobre a tendência de se ter um pensamento *formatado*, de início-meio-fim e de utilização da lógica linear, passo a passo. O desafio era lidar com as ambigüidades, a abstração, a subjetividade, a exaustividade e a complexidade, no amplo espectro de possibilidades de manifestação consciencial.

Outros aspectos vieram à mente:

1. O *autismo informata*, o encapsulamento no universo digital, o mundo de ilusão da Realidade Virtual¹ e a *antissocialização* mascarada pela interatividade da *Internet*.

2. A *debilidade mental* alerta restritiva, fruto do *tecnicismo oxidado*, a partir da comunicação homem-máquina. O computador, companheiro inseparável de trabalho, não tem holochacra e nunca questionou o porquê das ações pessoais. Qual o espaço para a inovação, flexibilização de atitudes e para a imprevisibilidade nessa tarefa? É como questionar se, ao menos uma vez, o *click do mouse* pudesse nos conduzir a outro lugar, a outra página.

EXPERIMENTOS COM FICHAMENTO DE LIVROS E DICIONÁRIOS

Na segunda semana, iniciei os fichamentos de livros. Resolvi examinar o dicionário em 3 volumes localizado sobre a mesa em que se realizam fichamentos. Um dos colaboradores incentivou-me a completar o fichamento desta obra, que já havia sido iniciado por outro voluntário.

A curiosidade aumentou quando peguei o volume e vi que estava faltando a contagem dos verbetes do dicionário, um dado importante do fichamento e uma oportunidade de auto-enfrentamento.

Reconheci o colega que havia feito o fichamento anterior pela letra e assinatura. Mentalmente, elaborei uma heterocrítica e surgiu a palavra *orgulho*. Na mesma hora, senti-me desafiado a evitar a repetição do suposto traço imaturo e aceitei o desafio de fichar corretamente aquele dicionário (TERSARIOL, 1972). Demorei 1 dia e meio contando os 40.827 verbetes do dicionário.

Reflexões:

Ao final do processo, pude concluir que:

1. A *Técnica de Contagem dos Verbetes* era excelente treino para a concentração e o autocontrole dos pensenes, minha principal dificuldade no Laboratório de Imobilidade Física Vígil.
2. Não havia metodologia indicada para a contagem. Resolvi criar meu método, contando página por página, mas posteriormente, pensei em outros métodos que poderia ter usado. A flexibilidade utilizada na metodologia foi um elemento favorecedor da aplicação da técnica (Experimentologia).

INVESTIGAÇÃO DO TEMA PRIORITÁRIO DE PESQUISA

O trabalho no Holociclo continuava. Tive vontade de definir qual especialidade da Conscienciologia estava mais relacionada a mim, para esforços e trabalhos posteriores. Nessa semana, os colegas haviam-me entregue textos para ler, muitos relacionados à escolha do tema de pesquisa.

O primeiro impulso na hora de definir a especialidade prioritária, a mais relevante para a programação de vida, foi escolher a *Infocomunicologia*, especialidade da Conscienciologia diretamente relacionada à própria experiência profissional, que já conhecia bem.

Aproveitando o fato de estar no Holociclo, ainda seguindo o primeiro impulso, percorri a relação atualizada dos verbetes da *Enciclopédia da Conscienciologia* e cheguei a 48 temas fundamentais dentro do universo da *Infocomunicologia*, muitos dos quais já constavam no *cosmograma pessoal*².

Finda essa etapa, propus sentar com um colega da mesma área profissional, que também estava visitando o CEAEC, para conversarmos sobre os temas e trocar experiências. Na hora em que íamos conversar, alguém o chamou para uma reunião importante e ele precisou ausentar-se.

Reflexões:

Qual a razão de querer priorizar a *Infocomunicologia*? Por que esse tema de pesquisa? Fiz algumas perguntas críticas a mim mesmo:

1. Será mera atração holopensênica? Ou neofobia? Ou ainda *síndrome de avestruzismo*, querendo permanecer na zona de conforto?
2. As sincronicidades da semana com os artigos recém-lidos e o episódio com o colega de profissão influenciaram? Até que ponto?
3. Será que houve influência do *orgulho* na escolha do tema que poderia gerar destaque pessoal posteriormente?

Quanto mais questionava e me auto-enfrentava, mais os amparadores me ajudavam a ter *insights*. Concluí que era necessário priorizar o *upgrade consciencial*, o crescimento, enfim, a renovação. Fiquei curioso, já que a informática, embora área bem recente no planeta, conduzia-me ao pensamento formatado que já havia diagnosticado anteriormente.

Ponderei que não deveria desconsiderar a experiência adquirida, mas buscar uma área de maior abrangência e alcance evolutivo. A próxima especialidade, seguindo a ordem lógica do quadro sinóptico de especiali-

dades da Conscienciologia, era a Parapedagogia, tema que poderia alavancar meu processo de *docência* com base no paradigma consciencial, constituindo ferramenta evolutiva e de auto-enfrentamento.

Em relação à *Infocomunicologia*, concluí que não deveria me abster ou me omitir, mas escrever sobre o assunto. Deveria mostrar os prós e principalmente criticar os contras pela autovivência teática, resolvendo definitivamente o processo intraconsciencialmente (*passar a pá de cal*) e fazendo a profilaxia da automimese dispensável.

PESQUISA TEMÁTICA NO HOLOCICLO

Observei que havia relação direta entre os assuntos estudados no Holociclo e as idéias inspiradoras transmitidas durante os laboratórios. Apliquei a *Técnica da Assim – Assimilação Simpática de Energias –*, percorrendo os corredores do Holociclo, buscando a empatia com os assuntos e perscrutando mais uma vez a relação de temas, analisando quais eram prioritários e o que estava relacionado às sincronicidades percebidas e aos *insights* que vinha obtendo.

Em certo momento, um tema relacionado à questão afetiva chamou-me a atenção, pois já haviam me falado sobre ele e, afinal, possuía o mesmo radical do meu nome. O tema em questão é a *Alexitimia*, manifestação caracterizada pela Psiquiatria como *falta de vocabulário emocional*. No paradigma consciencial, seria a inadequação para registrar as *paravivências*, já que a maior parte de nossas manifestações fora do corpo se dá através do psicossoma ou corpo das emoções.

Conversando com outros conscienciólogos, surgiu a hipótese de pesquisar o *orgulho* como possibilidade de megatrafar, diretamente relacionado à *Alexitimia*, a ponta mais observável da repressão emocional.

Reflexões:

Enquanto conversava, intimamente *dava pulos de alegria*. Percebia o trabalho dos amparadores intra e extrafísicos, ajudando-me a *descortinar o emaranhado de traços pessoais de manifestação*, sugerindo novas conexões e hipóteses. Enfim, estava fazendo ciência de ponta, a ciência do estudo de mim mesmo, da autoconsciência.

Fiquei eufórico com as descobertas e, ao mesmo tempo, tranqüilo na manifestação. Por fora, o ambiente calmo da cidade de Foz do Iguaçu e, por dentro, o ambiente em *ebulição de idéias*. Tudo era paradoxal e bastante positivo. Essa sensação foi indescritível. Havia uma certeza íntima. O *quebra-cabeças* estava se montando.

O ambiente do CEAEC possui 3 características básicas impregnadas na energia que, na verdade, foram fatores fundamentais para incentivar a investigação dos traços de personalidade:

1. *Conscienciocentrismo*: melhorar-se para poder ajudar mais.
2. *Auto-enfrentamento*: superação dos gargalos evolutivos.
3. *Fábrica de pesquisas*: construção do saber útil.

Parecia que *nada passava em branco*. *A sujeira do porão saía de baixo do tapete*. Todas as ocorrências tinham que ter um porquê e *só a pessoa possuía a chave do cofre*. Era preciso pesquisar a si mesmo, *destrancar algumas portas* e auto-superar-se. Acontecia um fato e surgia uma hipótese relacionada, de imediato. E logo ali ao lado, ao alcance das mãos, na fábrica de pesquisas do Holociclo, estava o tema a ser estudado, com diversos textos arquivados, nas pastas corretas, em cima das mesas, classificados de acordo com a *Técnica do Cosmograma*, com a qual, particularmente, tenho alguma familiaridade.

Várias vezes *me senti em casa*, acolhido, e essa sensação de estar à vontade, desreprimido, entre amigos, favoreceu mais ainda o auto-enfrentamento. Não havia como entrar em *ruminação mental* do traço imaturo (orgulho) de personalidade, porque a conexão problema-solução era evidente.

A PESQUISA DO MEGATRAFAR

O material que possuía sobre a *Alexitimia* era escasso e resolvi aprofundar-me no estudo do *orgulho*, um dos pontos críticos diagnosticados.

Para o estudo desse traço utilizei a *Técnica da Definição, Sinonímia e Antonímia de um Tema*, juntamente com a *Técnica das 50 Vezes Mais*.

O trabalho consumiu quatro dias ininterruptos de pesquisa, com mais de 30 páginas manuscritas, 10 páginas fotocopiadas e mais de 50 dicionários pesquisados, em três idiomas além do Português. O experimento foi tão positivo e a experiência tão enriquecedora que, ao final do processo, tive o *insight* de propor uma técnica mentalsomática sobre o assunto.

MAPEAMENTO SEMÂNTICO DAS IDÉIAS (DISSECÇÃO)

As palavras são signos que buscam representar as idéias na dimensão intrafísica. Nem sempre se pode abarcar a gama de acepções de *um* termo com somente *um* sinônimo, encontrada em *um* dicionário, escrito em *um* idioma.

Analogamente, para compreender um megatrafar, é necessário rever mais de *uma* existência, e mais de *um* retrossoma.

O estudo de um termo e a compreensão de suas acepções, sinonímias, antonímias, etimologia, cognatos e idéias afins têm o objetivo de ampliar a visão do tema escrutinado, envolvendo também autopesquisa através da anatomização dos conceitos – o mapeamento semântico.

Pela Mentalsomática, a diferença entre apreensão e compreensão é enorme. A *apreensão* é um processo mental mais simples, relacionado à retenção do conhecimento que se adquire. A apreensão pode ser passiva na medida em que retemos conhecimentos aos quais somos expostos. Isso é verificável na Pedagogia tradicional, por exemplo, baseada na transmissão de conhecimentos.

A *compreensão* é mais complexa, pois envolve conhecer e investigar os elementos (características, propriedades, qualidades) pertencentes a um conceito. Exige a experimentação e o julgamento crítico.

Pela Cosmoética, cada lexicógrafo possui maior ou menor dificuldade de compreensão deste ou daquele conceito, dentro do seu próprio microuniverso, e pode incorrer em omissões deficitárias, erros ou até mesmo distorção de determinados conceitos que lhe sejam particularmente *difíceis de digerir*.

A *exaustividade* empregada com os 50 dicionários buscou eliminar (ou minimizar) a possibilidade de auto e heterocorrupção na interpretação das palavras e suas possíveis acepções.

EXPERIMENTOLOGIA

O fato de não haver imposição quanto à metodologia adequada a ser aplicada na *Técnica dos 50 Dicionários* foi interessante. Mais uma vez, de modo semelhante ao experimento do fichamento, na primeira semana, houve uma *quebra de paradigma pessoal*. Abri mão da *formatação* e da *metodolatria*. Dessa forma, vi surgir a curiosidade, a criatividade e a vontade, preparando-me para a *maratona de leitura* dos dicionários.

Ao pensar sobre isso, decidi valorizar ainda mais o *experimento* e fui buscar um método que fosse o mais intuitivo possível, sem tanta preocupação com planejamentos pré-formatados. Tracei um roteiro próprio, prestando atenção máxima ao acoplamento energético com os livros sobre a mesa e aos amparadores, a fim de escolher as melhores fontes. Estava mais passivo e aberto.

Na ausência de um método definido previamente, resolvi anotar os termos em um bloco que carregava comigo, enquanto percorria as mesas com os dicionários. Entretanto, após consultar aproximadamente 10 dicionários, ocorreu-me novamente a idéia de escrever sobre o experimento e, logo em seguida, lembrei-me

de que não anotara as fontes no bloco, mas somente os sinônimos. Tive que parar e retomar do começo para refazer o serviço corretamente.

Reflexões:

A primeira coisa na qual pensei foi no fato de que *retrabalho* significa *autodesorganização*. Em seguida, percebi uma contradição: justo eu, que trabalho com informação, havia subvalorizado a anotação das fontes de informação.

Prosseguindo na reflexão, não era o calculismo que estava errado na personalidade, mas justamente a inflexibilidade do pensamento rígido. A valorização de qualquer experimento (“Tenha suas próprias experiências...”) não excluía a necessidade do planejamento. Lição percebida e aprendida.

MECANISMO DE AUTOCONHECIMENTO E RECONCILIAÇÃO

Para cada acepção estudada na pesquisa dos dicionários, dezenas de comportamentos e momentos conscienciais foram evocados, criando um mecanismo de descobertas (polimatia) e de autodescobertas (auto-pesquisa, autodesassédio) sucessivas.

Durante o processo, devido à imersão no tema e devido também ao campo de pesquisa no Holociclo (amparo extrafísico), as máscaras que sustentavam o traço imaturo, o orgulho, foram caindo. Os Mecanismos de Defesa do Ego – MDE – e os ganhos secundários apareceram, e a auto-imagem distorcida, inautêntica, ficou evidenciada. Pude avaliar a própria cosmoética, *diante do quadro que me foi revelado*.

Pela Assistenciologia, além da compreensão do tema em si, importou a identificação das situações que causaram ou foram causadas pelo traço em estudo. Isto constituiu uma análise conscienciométrica envolvendo as vivências pessoais.

Foi nesse processo que ocorreu o desassédio. Primeiro, o autodesassédio, pelo autoconhecimento que se impôs. Em seguida, o heterodesassédio, pelas assimilações e desassimilações energéticas com as consciências ligadas à situação e evocadas pela leitura durante o período do experimento, permitindo as heterorreconciliações.

MECANISMO DE EVOCAÇÃO E DESASSÉDIO

Num certo momento, ao folhear um dicionário, deparei-me com uma página sobre armas, um assunto que fora estudado há pouco no Holociclo, devido à pesquisa para o livro sobre *belicismo* (*Homo sapiens antibelicus*).

Chamei um colega que havia se dedicado bastante ao tema na época e mostrei-lhe a página. O rapaz começou a comentar sobre as fotos, fazendo *rapport* com os fatos. Passaram-se alguns minutos e ele se despediu, afastando-se. Eu continuava meu trabalho com a pesquisa do megatrafar, quando percebi nitidamente um acoplamento energético de consciex enferma. A pressão no chacra nugal aumentou e percebi o xenopensene de homicídio e de morte. Parei imediatamente o que estava fazendo. Mobilizei as energias e, passado algum tempo, a situação normalizou-se.

Reflexões:

1. Houve sincronicidade envolvendo meu tema e o *belicismo*?
2. O colega que se aproximou trouxe a consciex a ser assistida devido ao *rapport* comigo a partir da pesquisa sobre o *orgulho*?
3. Meu estudo sobre *belicismo* funcionou enquanto atrator da consciex, tendo os amparadores aproveitado a oportunidade para promover o heterodesassédio?

SOLTURA HOLOCHACRAL E PARAPERCEPÇÕES

Durante o período de aplicação da *Técnica dos 50 Dicionários*, houve uma intensa *aquietação cerebral* seguida de uma *hiperexcitação cerebral*. Pareceu-me que essa situação prolongou-se durante a estada no CEAEC.

Observei um aumento na sensibilidade. As parapercepções estavam mais evidentes. No primeiro dia, trabalhando com os dicionários, após uma jornada de 14 horas de leitura, cheguei à noite com forte dor de cabeça, refletida na parte posterior-esquerda da cabeça (chacra nugal).

Reflexões:

1. Até que ponto a jornada de leitura exaustiva, com o soma passivo, promoveu um choque holossomático, seguido da soltura do holochacra e do aumento das parapercepções?
2. Qual a relação desta dor de cabeça com os auto e heterodesassédios?

ASSÉDIO MENTALSOMÁTICO

Ao pesquisar o megatrafar, através de dicionários em vários idiomas (poliglotismo), inevitavelmente me predispos a acessar a *holobiografia pessoal*, investigando as possíveis origens dos traços que manifestava através da *evocação de contextos passados*.

Ao mexer com o passado, promovendo a autocura, percebi que ocorrera a conexão e a *intromissão escusa*, sutil, do megassediador, que não tem interesse na efetivação desse processo, *tentando passar despercebido*.

Fato 1 – Erro Emocional

Quando comecei a ler os dicionários em Francês, idioma que menos dominava, percebi um *zum-zum-zum* no salão, fruto de uma conversa paralela. Três conscins ginossomáticas discutiam uma questão. Até certo ponto, *tinha o direito* de solicitar silêncio, já que estavam realmente fazendo barulho.

Entretanto, o ponto principal do fato não foi este. O problema foi a *irritabilidade*, exacerbada pela dificuldade na compreensão do idioma, justamente na hora de investigar a relação do *orgulho* com o processo da corte francesa, assunto que estava lendo quando tal conversa iniciou-se.

Comentei sobre a situação com uma colega-conscin-amparadora que passou por perto da mesa onde eu estava, talvez buscando aliviar as autocorrupções pessoais, porém ela chamou minha atenção, sugerindo que não me importasse com aquilo e me concentrasse no trabalho.

Reflexões:

Naquele momento, duas situações ficaram evidenciadas: o *assédio mentalsomático sutil*, com objetivo de me tirar da trilha das investigações e o *amparo igualmente sutil*, na hora certa, através da conscin que passou pelo local e *cortou a onda*.

Fato 2 – Binômio Esforço-perseverança

Apesar de ter-me proposto a pesquisar no mínimo 50 dicionários, após ter consultado a metade, algumas vezes tendo que usar mais de um dicionário para estudar um termo (um dicionário com a tradução do termo para o português e outro com a sinonímia), identifiquei *padrão de cansaço* e senti *forte vontade de interromper* o experimento.

Estava muito cansado e também comecei a observar repetições nos conceitos e nas sinonímias, o que gerou ansiedade. Por inexperiência, vivenciei um processo de autocorrupção e auto-assédio, praticamente

boicotando a autopesquisa. Tive uma postura de *imediatismo*, com a impressão de que deveria encerrar logo, considerando que já estava *perdendo tempo* ao buscar novas acepções para o termo.

Foi então que peguei um dicionário *diferente*, no qual o autor descrevera, *além da sinonímia*, um texto explicativo sobre o verbete, com exemplos de frases e explicações mais detalhadas, facilitando o entendimento.

Reflexões:

Logo após essa ocorrência, ponderei que se tivesse desistido, perderia a oportunidade de ler um ótimo livro, reflexo do *esforço* do lexicógrafo que o produziu, um dos que mais me trouxeram esclarecimento e contribuíram para mudar a compreensão do termo em estudo.

Refleti sobre os processos de *oportunidade e perseverança*, e de que modo o megassediador pode sutilmente manipular para nos desviar de nosso rumo, fazer com que percamos nossos compromissos e não estejamos no lugar certo, na hora certa. E isto de forma lógica e quase imperceptível.

Ao final dos *50 dicionários*, fazendo o balanço das acepções e suas sutilezas, cheguei a pelo menos *13* *acepções* diferentes do termo, afora as *inúmeras correlações* com os demais temas do cosmograma, o que me propiciou uma visão mais ampla a respeito do traço de personalidade pesquisado. Reconheço que a *exaustividade* foi fundamental para a obtenção de tal resultado.

O PREÇO DO AUTOCONHECIMENTO

Durante a aplicação da técnica, ao manusear um dicionário de porte mais avantajado, acabei rasgando uma folha, sem querer. Esse fato deixou-me desconcertado. Provocou sentimentos de autculpa e de baixa auto-estima, o que contrastou, na hora, com meu estado geral de satisfação íntima com a pesquisa em curso.

Reflexão:

Continuei nesse estado por mais alguns minutos, *consumindo-me ingenuamente naquela onda de auto e heteroassédio*, quando veio o *insight*, de forma bem clara, de que aquele fora o *preço pago pelo desassédio*. Na hora, descontraí-me, relaxei e pude continuar o experimento.

MECANISMO DA PARAPEDAGOGIA

Pela Parapedagogia, importa muito o autodidatismo no fenômeno do *aprender*. Relato a seguir uma experiência: durante um almoço com colegas, conversando sobre alimentos orgânicos, comentei não ter visto nenhuma plantação de alface orgânica desde que tinha chegado ao CEAEC. Um companheiro criticou-me com bom humor e usou a seguinte expressão: “Coloca uma cadeira no meio do jardim e fica esperando o pé de alface passar por você para poder pesquisá-lo...”. Todos rimos.

Concluí, então, que inexistia pesquisa passiva, existindo somente pesquisa ativa e autodidata. Era necessário por mãos à obra.

No contexto do binômio ensino-aprendizagem, a proposta da *Técnica da Definição, Sinonímia e Antônímia* inovou de duas formas:

1. No método (*menos* ensino – heterorientação, metodolatria; *mais* aprendizagem – autodidatismo, espontaneidade, autovivências).
2. No meio (laboratórios; artefatos do saber).

São procedimentos diferenciados do enfatizado comumente no academicismo formal. Mais do que isso, a aprendizagem foi teórico-prática, atada ao autoconhecimento, sem *gaps*.

Reflexões:

No *refeitório-laboratório* não se alimenta apenas o soma, mas também o mentalsoma. Nos *laboratórios-escola* da vida existem os de quatro paredes e os sem paredes. Para exemplificar, considero a ocasião em que tive ótimos *insights* sentado num banco de jardim, ao observar o comportamento de um animal.

Os experimentos de aprendizagem ocorreram segundo etapas, listadas a seguir, em ordem de ocorrência:

1. Autovivência.
2. Desconstrução do conceito antigo, defasado.
3. Investigação de novas possibilidades e aceções.
4. Estudo de caso de outras manifestações relacionadas.
5. Hipóteses de pesquisa.

LABORATÓRIO DE PARATECNOLOGIA

Quando cheguei ao quinquagésimo dicionário, fiquei eufórico. Havia-me auto-superado e chegara ao final do experimento. Houve certeza íntima de que deveria registrá-lo.

Reflexões:

1. Quais ambientes intrafísicos e grupos humanos nos permitem, hoje, tal nível de experimentos?
2. Quem aprendeu? Quem ensinou? Eu ensinei a mim mesmo? Sozinho?
3. Reconciliei-me até com os assediadores, *professores-sem-querer-ser*, que contribuíram do seu jeito na promoção de *insights* e experimentos de aprendizagem.

CONCLUSÕES

Ao final da autopesquisa, após muita leitura, pude compreender melhor algumas condições do Holociclo e do CEAEC:

1. Incubadora de Paratécnicas Mentaissomáticas.
2. Centro de Conscienciometria Avançada.
3. Biotério Consciencial.
4. Cognópolis.
5. Portal Multidimensional.
6. Balneário Bioenergético.

Acabara de vivenciar uma imersão neste ambiente e, após a aplicação de várias técnicas, previamente existentes, lá disponíveis, acessara o holopense do que, para mim, tornara-se uma nova técnica, a **Lexicoterapia – Técnica de Autodesassédio Mentalsomático**.

O processo de amparo extrafísico esteve sempre presente. E a técnica inspirada foi a que mais se adequou à personalidade do autor.

As últimas reflexões que faço dizem respeito à autopesquisa:

1. Importância da decisão e da autenticidade para o êxito da empreitada.
2. Importância do ambiente propício para a imersão: estímulo à catarse, à catálise, ao *insight*.
3. Importância dos companheiros evolutivos, intra e extrafísicos.
4. Importância do trabalho voluntário, que ao tirar a pessoa da rotina, ativa áreas cerebrais adormecidas.

5. Importância das parapercepções e das sincronicidades.
6. Importância da observação percuciente da manifestação pessoal.

NOTAS

¹ Ambiente virtual criado através da Computação e da Robótica modernas, onde sensações reais como tato e visão podem ser estimuladas eletronicamente. Muito utilizado em *games online* e jogos tridimensionais.

² A *Técnica do Cosmograma* envolve a análise crítica de fatos cotidianos na sociedade a partir de matérias publicadas na mídia, dentre outras fontes.

REFERÊNCIAS

01. **Balona**, Málu; *Autocura através da Reconciliação*; pref. Marina Thomaz; 342 p.; 11 caps.; 7 ilus.; 6 graf.; 2 tabs.; 2 apênds.; 265 refs.; 20 infografias; 56 filmografias; 10 cenografias; alf.; 21 x 14 cm; br.; IIPC; Rio de Janeiro, RJ; 2003; páginas 65 a 80, 93 e 94.
02. **Balona**, Málu; *Síndrome do Estrangeiro*; pref. Waldo Vieira; 318 p.; 14 caps.; 6 graf.; 30 tabs.; 2 apênds.; posf.; 380 refs.; 12 infografias; 93 filmografias; 4 musicografias; 5 pinacografias; alf.; 21 x 14 cm; br.; 2ª. Ed.; IIPC; Rio de Janeiro, RJ; 2000; página 96.
03. **Mello**, Alexandre; *Facilitadores no Processo de Elaboração de Artigos – Um Depoimento Pessoal*; Gestões Conscienciais; antologia; 208 p.; Vol. 3; glos. 282 termos; 4 refs.; 1 filmografia; alf.; 21 x 14 cm; br.; IIPC; Rio de Janeiro, RJ; 1997; páginas 110 a 117.
04. **Mello**, Alexandre; *Razões para Começar a Escrever*; Jornal da Invéxis; Ano III; N.6; IIPC; Rio de Janeiro, RJ; Dezembro, 1997; páginas 18 a 19.
05. **Pena**, Maria do Carmo; *CEAEC: Laboratório de Conscienciometria; Conscientia*; revista; trimestral; Vol. 4; N. 1; CEAEC; Foz do Iguaçu, PR; jan. / mar, 2000; páginas 41-42.
06. **Tersariol**, Alphen; *Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa Ilustrado*; 3 Vols.; XII + 1.002 p.; 33 ilus.; glos. 40.827 termos; 50 fotos; 162 abrevs.; 27 siglas; apênd.; 22 x 14,5 x 4 cm; enc.; 4ª. Ed.; Libra Empresa Editorial; São Paulo, SP; 1972.
07. **Vieira**, Waldo; *700 Experimentos da Conscienciologia*; 1.058 p.; 700 caps.; 300 testes; 8 índices; 2 tabs.; 600 enus.; 5.116 refs.; glos. 280 termos; ono.; geo.; alf.; 28,5 x 21,5 x 7 cm; enc.; IIP; Rio de Janeiro, RJ; 1994; páginas 109 a 115, 337, 340 e 444.
08. **Vieira**, Waldo; *Antinotícia; Conscientia*; revista; trimestral; Vol. 4; N. 1; CEAEC; Foz do Iguaçu, PR; jan. / mar, 2000; páginas 11 a 15.
09. **Vieira**, Waldo; *Conscienciograma*; 344 p.; 7 refs.; glos. 282 termos; alf.; 14 x 21 cm; br.; IIP; Rio de Janeiro, RJ; 1996.
10. **Vieira**, Waldo; *Cosmogram Technique; Journal of Conscientiology*; Vol. 1; N.1; IIPC; London, UK; Julho, 1998; páginas 3 a 35.
11. **Vieira**, Waldo; *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*; 1.248 p.; 525 caps.; 43 ilus.; 1.907 refs.; glos. 300 termos; 150 abrevs.; ono.; geo.; alf.; 27 x 18,5 x 6 cm; enc.; 4ª. Ed.; IIPC; Rio de Janeiro, RJ; 1999; página 636.
12. **Vieira**, Waldo; *Reciclagem Existencial; Recéxis*; revista; eventual; entrevista; Ano 4; N. 3; IIPC; São Paulo, SP; Março, 2000; página 20.

